

## História e milenarismos

1. Depois de um longo período de fortes pressões ideológicas, acentua-se, hoje, o tópico da crise das ideologias, num momento em que esmorecem também os entusiasmos com a perspectiva de aenos utópicos. Ideologias e utopias apelariam para longos discursos, que a pós-modernidade não suporta ou, talvez melhor, não tem engenho para os criar.

Continuam, entretanto, válidos os argumentos a favor da constitutiva necessidade da utopia e da ideologia para o exercício da existência humana, das quais recebe esta frequente determinação de sentido, embora, muitas vezes, em formas disfarçados.

2. Se as fronteiras entre a utopia e a ideologia não são de fácil discernimento, parece, contudo, menos difícil contrapor a uma e a outra a historicidade, que representa um outro modo de viver e entender o movimento da humanidade no tempo.

A historicidade teve sempre um estatuto importante na manifestação da vida humana, certamente não inferior ao da utopia e da ideologia, mas a vivência, a consciência e a teorização dela supõem uma referência de certo modo datada, a cultura bíblica. Enquanto a ideologia e a utopia têm, predominantemente, as características de construções mentais programáticas, para orientar e culminar o movimento da acção, a historicidade emerge na experiência da racionalidade, decorrente da vida da própria realidade, na qual a existência humana interfere, mas apenas como um dos factores, embora privilegiado.

A historicidade não aponta nem para uma consumação previamente descrita e anunciada, como a utopia, nem se subordina às figurações duma grelha modelada para orientar a acção da sociedade, como sucede na ideologia.

3. É ao movimento temporal — para o orientar ou superar — que a utopia, a ideologia e a história se aplicam. O contraste entre elas ganha, por isso, consistência, se for articulado com a clarificação da temporalidade. Enquanto a utopia tende a vencer — e a iludir — o tempo e a ideologia a controlar o ritmo dele, em ordem a uma finalidade pré-requerida, a historicidade, pelo contrário, estimula o seu desenvolvimento, sem previsões garantidas.

Tempo e história, porém, são categorias que, no decurso da cultura ocidental, podem mesmo não coincidir. O tempo reportou-se, na cultura greco-romana, a um processo de degradação crescente, inflectindo para o seu próprio aniquilamento, sem conservar, por acumulação, as suas manifestações passadas, procurando, antes, deli-las; a história, ao invés, sem se identificar com a ideia de progresso, menos ainda se este for considerado incoercível e linear, diferencia e une, acumulando, no presente, os avatares do passado e abrindo-se às possibilidades do futuro.

4. Se se representar esse movimento temporal, como aliás frequentemente acontece, no modelo geométrico duma linha — não interessa, para o momento, se rectilínea ou se circular —, pontuada com uma divisão tripartida — princípio, meio e fim —, dir-se-ia que a utopia incidirá no pólo do fim, embora identificada, muitas vezes, com o princípio originário intemporalizado, e a ideologia com o meio, mas em função dum fim, o que a aproxima estruturalmente da utopia. A história, por seu turno, embora com diversas leituras possíveis, fixar-se-á privilegiadamente no meio, sem se dissociar do princípio e do fim, dos quais recebe alento e sentido, sendo mesmo constantemente confrontada com o risco perverso de a eles se reduzir, vencida pela força da ideologia e/ou utopia.

5. A inspiração bíblica da historicidade, particularmente na sua fase neotestamentária, em que o messianismo se sente consumado, traduz manifestamente a valorização do meio, neste se incluindo o mundo criado e a encarnação do Filho de Deus — o Meio da Trindade —, que elevou o meio à sua máxima expressão. É a interpretação positiva do tempo e a exaltação das causas segundas, sendo, na diferenciação e capacidade de iniciativa destas, que se manifesta a causa primeira. Estamos perante o Deus da iniciativa da manifestação e do estímulo da intensificação e pluralidade de iniciativas. A articulação do Meio com esse Princípio criador realiza-se menos pela redução ao Princípio do que pelo desenvolvimento do Meio, orientando-se embora para o Fim.

6. Mas se, na literatura cristã, a relação entre o meio e o princípio, no modelo da criação, penetrou nas mentalidades com alguma facilidade, o mesmo não sucedeu na articulação com o fim, onde as interpretações se diversificaram, em inextricáveis enredos.

Neste emaranhado processo, a terminologia disponível da tradição cultural greco-latina dificultou uma interpretação tranquila da questão. O cristianismo, para quem a valorização do meio não esbatia a importância do princípio e do fim, deparou-se com modelos teóricos e uma linguagem que relevavam o princípio e o fim — o que certamente convinha ao cristianismo —, mas, ao contrário da mundividência deste, eclipsavam o valor do meio, o que representava uma tendência oposta à metafísica inspirada pela Bíblia.

7. Onde tudo mais se complicou, todavia, foi precisamente na relação do meio ao fim, sendo aí que o cristianismo, paradoxalmente, menos — e também mais — resistiu à herança especulativa da antiguidade pagã: menos, ao perder o viço inerente a uma metafísica da criação, para lhe sobrepor a mensagem de redenção, que certamente a religião cristã era, mas não apenas, nem sobretudo; mais, na medida em que nunca abdicou do horizonte de historicidade.

8. É em todo este contexto que se deve inserir o tópico milenarismo cristão, se é que tal expressão é legítima. Não se discute, para este efeito, a origem do tópico do milenarismo nem mesmo se, em termos teóricos e históricos, ele suporta a adjectivação de cristão. Reconhece-se apenas que tem havido, dentro do próprio cristianismo, alguns movimentos que são susceptíveis de serem enquadrados no horizonte duma fenomenologia do milenarismo.

O milenarismo ou, mantendo a etimologia grega, o quilianismo, traduz o processo de introdução da categoria da qualidade na da quantidade, nos números, apontando para a ideia de realização total, de plenitude e também de iminência, vencendo, assim, a densidade — incômoda — da série interminável dos números, o que equivale à extinção das diferenças temporais. A ideia de perfeição articulou-se, aí, quase sempre, se aplicado ao ser finito, à superação dum processo, incidindo o seu significado mais sobre o abandono — fuga — das dificuldades inerentes a uma situação de imperfeição do que sobre a implantação num estado definitivo. A referência às intempéries do tempo é então obsessiva. Esta tendência é particularmente evidenciada na cultura antiga greco-romana,

ao integrar o fenômeno da multiplicidade e da temporalidade no movimento necessarista de degradação, que viria a contribuir, em muito, para alimentar as grandes e persistentes correntes maniqueístas. Neste sentido, o milenarismo, além de, por vezes, se fundir com os esquemas utópicos e também ideológicos, a que estão frequentemente associados pruridos soteriológicos, representa, por isso mesmo, a desvalorização do meio, isto é, da vida, da multiplicidade e da história. Diga-se, de passagem, que essas determinações maniqueístas não se misturaram apenas com algumas coordenadas da cultura greco-romana, podendo sentir-se também vivamente na modernidade científica, onde a categoria do tempo se sobrepõe à do espaço, acabando aquele por ser dissipado na utopia da instantaneidade.

9. O milenarismo, é certo, não tem um sentido unívoco, tal como tudo o que se mistura com a versatilidade da existência. Mesmo que se admita um milenarismo cristão, também ele não caberá numa interpretação única, além de assumir, dentro do cristianismo, características específicas, não obstante as contaminações de outras proveniências, a que esteve tantas vezes sujeito.

A primeira associação a fazer do milenarismo, no âmbito cristão, será com a ideia de história, mas reside, precisamente, nessa operação, a maior dificuldade, pois é contra o tempo que a missão milenarista se dirige. Há, no entanto, outras articulações que convém explicitar. O cristianismo não está esvaziado da ideia de aperfeiçoamento e mesmo de perfeição, mas a realização desta não tem lugar apenas no fim e por distanciamento e abandono do meio, isto é, da existência temporal. É no próprio meio que se manifesta o desenvolvimento e a perfeição, mesmo que não em definitiva plenitude. O próprio Deus não considerou indigna da sua perfeição a condição temporal, que aliás assumiu e planificou. Por outro lado, a categoria da perfeição, cristamente interpretada, não é inconciliável com a ideia de finitude, quando é a inconformidade com esta que, sócio e psicologicamente, tem afervorado os surtos milenaristas.

Por outro lado, o fim para que tende o movimento da existência não se identifica, na hermenêutica cristã, com o princípio indiferenciado duma unidade vazia, mas, antes, com a vida duma unidade diferenciada — a Trindade e aqueles que, por adopção, aí foram integrados. Além disso, nesse mesmo contexto, o fim não se assemelha a uma causa natural final em que cada espécie ou cada indi-

víduo acabariam por repousar, como se tudo estivesse determinado à partida. A ideia de perfeição tem mais a ver com uma orientação, em que as iniciativas interferem global e reciprocamente, sem anular as diferenças. Nesse processo, é sempre possível a introdução de novas iniciativas, desde as humanas às divinas, sem excluir as dos chamados seres naturais. Para usar uma terminologia cara a alguns medievais, não tratamos apenas com essências inalteráveis, mas também com estados, associando-se, desse modo, as estruturas da natureza e a função cairótica do tempo.

10. Também o cristianismo, não obstante a importância por ele dispensada à história, apela, precisamente por isso, a uma superação da história, da máxima dignificação das diferenças, mas sempre na linha da historicidade. Reside aqui o motivo que pode explicar o acolhimento do milenarismo nos meios cristãos, não de um milenarismo de esvaziamento da existência, mas duma escatologia da esperança, mais determinada pelas possibilidades do ser do que pelo mal-estar da imperfeição. O ser não se identifica com o tempo, mas este não lhe é contrário, devendo ser integrado na linha do ser, em termos positivos de manifestação ontológica. O que o cristianismo pretende acautelar é a tentação de autonomia e estatuto definitivo do processo histórico, tantas vezes divinizado em esquemas de ideologias/utopias.

Mas ainda aqui deve ter-se em consideração uma característica ideia de ser, diferente daquela que foi escalpelizada pela especulação greco-romana. Nesta, a perfeição coincidiria com o fim do movimento, da dialéctica, do tempo, pois só assim seria atingida a instância do ser. A chamada metafísica cristã tem uma outra noção de ser, que não se identifica nem com o movimento nem com o repouso, sendo antes uma instância viva e dinâmica — compatível com a Divindade trinitária — que alimenta, percorre, une e diferencia todos os entes. Por isso, nesse contexto ontológico, a superação da história não significa o contraste entre dois estados antagónicos — tempo e eternidade —, mas, pelo contrário, refere-se à intensificação da vida já iniciada. A perfeição não é o repouso — o oposto do movimento —, mas, sim, a optimização dessa dinâmica ontológica, que se consuma na máxima expressão ontológica, isto é, na relação de todos os entes, particularmente na participação comunitária dos entes pessoais, Deus incluído. Ainda que em estado de plenitude, a diferença é mantida, dissipando as características de unificação indiferenciada que costumam acompanhar a ideia de

perfeição milenarista, marcada, frequentemente, pela incapacidade do exercício das relações recíprocas das liberdades.

A escatologia, que sempre ocupou um importante capítulo da teologia cristã, embora diferentemente situado, ora em posição nuclear, ora mais esbatido, para lá dos elementos bíblicos que a suportam, aliás nem sempre de fácil leitura, não poderá escamotear a essencial referência à historicidade, evitando deixar-se atrair pela tentação de uma aceleração para o fim, para se converter, nesse caso, quer em utopia quer em ideologia. Em termos cristãos, se de aceleração é justo falar, nunca será para traduzir uma inconformidade com a finitude, com o corpo e com as diferenças, mas, antes, para manifestar a ânsia e a alegria do encontro com o Outro e com os outros, continuando, sem defecções, o abraço ontológico de comunhão.

JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES